

Tayná Campos Wolff<sup>1</sup>

*A* luta por sororidade:

União feminina e uma experiência militante na palhaçaria

*The* fight for sorority:

Female union and an a militant experience in clowning

## RESUMO

O artigo faz reflexões acerca de estímulos patriarcais à competição entre mulheres e o esforço feminista para combater essa competitividade com seu oposto – a mútua e profunda união feminina, o que chamamos de sororidade. Além disso, são analisados aspectos da chamada “masculinidade tóxica” e de premissas que visam a subalternização da mulher. Uma ação no âmbito das Artes da Cena, promovida pelo grupo de palhaçaria feminina do Distrito Federal Cabaré das Rachas, teve uma clara prerrogativa de engrandecer a união entre mulheres artistas da cena e de contestar a cultura machista satirizando-a e ironizando padrões que precisam ser destruídos. Pensar a arte como instrumento de militância e meio para abordar pautas relevantes como a opressão de gênero é o que impulsiona o texto

**Palavras-chave:** Feminismo, sororidade, militância.

## ABSTRACT

The article reflects on patriarchal stimuli of competition between women and the feminist effort to combat this competitiveness with its opposite - the deep and mutual union of women, which we call sorority. Besides, the aspects of the so-called “toxic masculinity” and assumptions aimed at the subordination of women are analyzed. An artistic action within the scope of the art performance, promoted by the Cabaré das Rachas Federal District women's clown group, had a clear prerogative to enhance the union between women performing artists and to challenge the “macho-culture” by satirizing it and mocking the standards they need to be destroyed. To think of art as an instrument of militancy and a means to address relevant issues such as gender oppression is what drives the text forward.

**Keywords:** Feminism, sorority, militancy.

**Apontamentos introdutórios: uma ação artística transformadora** Em 2019, através do Palco Giratório (projeto do Sesc<sup>ii</sup> de intercâmbio e difusão das Artes Cênicas) o grupo brasileiro de palhaçaria Cabaré das Rachas promoveu o Femi-clown cabaré show e circulou por diversas cidades brasileiras alavancando vivências feministas com mulheres, artistas cênicas de variadas linguagens. Essas vivências com duração de cinco dias confluíam, no último dia, em um cabaré de variedades, coletivo e feminista.

Participar dessa vivência na edição de Brasília (julho, 2019) foi potente para mim, ativando sensibilidades e reflexões. O grupo que compôs a edição brasileira me levou à maior valorização de iniciativas pensadas exclusivamente para mulheres.

O presente artigo tem o intuito de refletir sobre defasagens causadas pelo patriarcado e pela cultura machista, além de discorrer acerca da experiência de circulação do Cabaré das Rachas, a partir da minha experiência enquanto mulher que se reconhece em práticas militantes feministas, considerando a importância dessa militância na arte diante das atuais conjunturas brasileiras.

Por que uma ação de união, trocas de conhecimentos e criação artística entre mulheres é importante? Esse é o questionamento que move a escrita e as respostas são muitas, os motivos além de diversos são significativos quando se quer pensar em uma sociedade que evolui a medida que contrapõe as relações de opressão. Como as opressões acontecem no âmbito de gênero, que estruturas auxiliam as desigualdades e como colocar-se em embate às relações opressoras são entendimentos que

precisamos absorver e irradiar, na luta anti-patriarcal e na busca por convívios mais harmoniosos e relações mais justas nas sociedades.

A união é primordial para fortalecer um grupo oprimido, por isso cada vez mais os movimentos feministas se esforçam para estar em campos de solidariedade e empatia entre mulheres. A chamada sororidade, que será avaliada na perspectiva das práticas do Cabaré das Rachas, é uma das posturas de contraposição às normas patriarcais que vem crescendo enquanto diversas frentes do conhecimento buscam contestar padrões que favorecem desigualdades. Entretanto, as opressões raciais perpassam as opressões de gênero, as injustiças incidiram ao longo da história e ainda incidem com mais força sobre mulheres negras do que sobre mulheres brancas. As mulheres negras eram deliberadamente violentadas sexualmente e afastadas do convívio com seus filhos no período escravocrata, sob o silêncio de mulheres brancas de quem eram servas. Após o período escravocrata as relações de serva e senhora seguiram à base de injustiça e dominação. A professora, ativista e escritora negra norte-americana bell hook<sup>iii</sup> reflete acerca dos papéis de empregada e patroa no contexto estadunidense no período da segregação e da demora de algumas frentes feministas para reconhecer a dominação racista. No capítulo De mãos dadas com minha irmã do livro Ensinando a transgredir hooks conclui as reflexões acerca das relações entre mulheres negras e mulheres brancas dizendo que necessitamos de um contexto em que possamos dialogar e conhecer umas às outras nas diferenças e complexidades das nossas

---

Tayná Campos Wolff – A luta por sororidade: união feminina e uma experiência militante na palhaçaria  
Revista Arte da Cena, v.6, n.1, jan-jul/2020.  
Disponível em <http://www.revistas.ufg.br/index.php/artce>

experiências (hooks, 2013) e o esforço por esse contexto precisa ser constante diante de tantos séculos de hegemonia racista e patriarcal.

Além disso, mulheres lésbicas experienciam opressões e preconceitos de um outro contexto. Os contextos das mulheres transgênero também não são iguais. Algumas mulheres podem pertencer a mais de um dos grupos oprimidos aqui citados e outros além. Não é possível pensar feminismo como unidade porque somos diversas. Porém, é preciso que a união seja mútua. É importante que as demandas das mulheres historicamente mais marginalizadas sejam valorizadas e que existam escutas atentas a estas demandas.

Pensar em relações de opressão e em transformações sociais exige sair das zonas de conforto, desestabilizar estruturas e causar incômodos, ou ao menos levantar esforços neste sentido. Entrar em lugares de reflexões críticas que vão combater privilégios e posições que precisam ser questionadas é importante, é também muito desafiador quando pensamos que as opressões são diversas e que os acessos e oportunidades em um mundo pautado pela economia são variados. Enquanto eu escrevo pessoas sentem fome, enquanto eu falo em feminismo sob a minha perspectiva mulheres sofrem violências que espero jamais conhecer.

Embora esse seja um texto que celebra uma ação artística transformadora e que é carregado de sonhos, expectativas e esperanças por conjunturas melhores, é um texto que nasce do incômodo e que busca

questionar determinados padrões e desconstruir lugares de submissão e silenciamentos, porque precisamos.

## **2. Os estímulos patriarcais à competição entre mulheres e contraposição feminista à competitividade**

Sororidade é uma palavra originária do latim sóror que significa irmã. O conceito porém, ultrapassa a ideia de irmandade, com o papel de aproximar mulheres em círculos de empatia e atitudes positivas, com o entendimento que o patriarcado é estruturado e que estamos todas sob essa estrutura coesa contra a qual precisamos lutar e, um dos métodos para manter a força é a união.

Na última década vemos o feminismo ganhar força na América Latina e no Brasil. O termo sororidade tem aparecido frequentemente em meios feministas mas apesar desse uso ainda não o encontramos cunhado nos dicionários de Língua Portuguesa.

O feminismo é repleto de pautas que precisam ser analisadas, expostas e levadas para discussões sociais, entre essas pautas podemos citar: feminicídios e os perigos aos quais as mulheres são expostas nas ruas brasileiras, que corrompem um direito fundamental da existência humana: a liberdade.

O dia 8 de março, reconhecido como Dia Internacional da Mulher, é icônico para a luta feminista, anualmente nessa data diferentes e relevantes pautas são levadas às ruas nas capitais brasileiras e em diversas partes do mundo. A data nos lembra que as conquistas que já temos vieram

de lutas árduas por igualdade de direitos. A origem do 8 de março dialoga com questões trabalhistas e revolucionárias. A socióloga Maria Lygia Quartim de Moraes<sup>iv</sup> em um importante material audiovisual relata como uma greve de mulheres operárias na data foi estopim da Revolução Russa em 1917. A socióloga observa ainda que as origens do 8 de março costumam ser embaralhadas com um claro intuito de favorecer a apropriação comercial<sup>v</sup>. Apesar de o comércio quimerizar a data, as marchas ao redor do mundo gritam as pautas ainda tão necessárias. É importante observar que apesar de serem tão remotas as lutas por igualdade de direitos trabalhistas entre homens e mulheres, a emancipação financeira feminina até hoje caminha a passos lentos. Em sociedades onde o poder aquisitivo determina nossas vidas, mulheres ainda ganham menos que homens e seus acessos ao mercado são diferenciados e atravessados por questões como a responsabilização pelos filhos. Segundo uma afirmação do atual presidente brasileiro mulheres devem ganhar menos que homens em função da possibilidade de gestação. A simples presença de alguém que reproduz esse tipo de pensamento na política demonstra o quanto a sociedade brasileira tem abertura para retrocessos e como os avanços nesse sentido são lentos.

A liberdade para a mulher na sociedade brasileira patriarcal é corrompida em diversos aspectos: do perigo de ocupar as ruas em determinados horários às exigências comportamentais estabelecidas.

A estrutura patriarcal coesa estimula constantemente a competição entre mulheres, como se para ser “boa” e “suficiente” precisássemos estar em posição superior às outras. De tão estruturado que é esse patriarcado, a competição constante é naturalizada e só pode ser percebida se formos provocadas a perceber; ainda com provocação a

---

Tayná Campos Wolff – A luta por sororidade: união feminina e uma experiência militante na palhaçaria  
Revista Arte da Cena, v.6, n.1, jan-jul/2020.  
Disponível em <http://www.revistas.ufg.br/index.php/artce>

naturalização é passível de acontecer, porque competição é um padrão. Ao relatar acerca de sua participação no movimento feminista a partir do segundo ano de faculdade, bell hooks reflete acerca das competições naturalizadas:

Sabíamos, por experiência própria, que, como mulheres, fomos socializadas pelo pensamento patriarcal para enxergar a nós mesmas como pessoas inferiores aos homens, para nos ver, sempre e somente, competindo umas com as outras pela aprovação patriarcal, para olhar umas às outras com inveja, medo e ódio. O pensamento sexista nos fez julgar sem compaixão e punir duramente umas às outras. O pensamento feminista nos ajudou a desaprender o auto-ódio feminino. Ele nos permitiu que nos libertássemos do controle do pensamento patriarcal sobre nossa consciência.<sup>vi</sup>

A autora Ingrid Peixoto (2019), que posta textos e reflexões de temáticas feministas na plataforma medium no texto “como o patriarcado usa a cultura para socializar mulheres para se odiarem?” reflete sobre os estímulos à competição e desunião entre mulheres.

Seja em práticas cruéis como mutilação genital, em práticas mais “leves” como competições em concursos de beleza, ou de formas até mais inconscientes através da música e da literatura, mulheres são incentivadas a inferiorizar mulheres e competir pela atenção masculina desde a mais tenra idade.<sup>vii</sup>

A autora menciona que nas culturas onde a mutilação genital até hoje existe são mulheres que executam a ação. Na prática que perdurou por alguns séculos na China conhecida como pés de lótus que consistia em enfaixar os pés de meninas além de quebrar os dedos e dobrá-los em direção à sola, as próprias mães desenvolviam tais ações, tomadas pela



vontade de que as filhas conseguissem um bom casamento, o que só seria possível para mulheres de pés pequenos.

Exemplos de estímulo à competição próximos de nós são, por exemplo, concursos de beleza. Diversas narrativas encontradas na literatura e na indústria do entretenimento, músicas nos mais diversos gêneros.

A literatura durante séculos foi trabalho majoritariamente de homens e escrita por e para homens, isso fez com que as crenças e preconceitos masculinos também fossem repercutidos durante séculos sem contestação. Homens definiam o que era ser uma mulher, o que ela deveria pensar e como se portar, enquanto limitavam seu acesso à educação, bem como direitos políticos e sociais. O mote dos contos de fadas que surgiram na idade média geralmente mostram a rivalidade de uma princesa versus uma bruxa e aqui podemos citar as mais clássicas: A pequena Sereia, A bela Adormecida, Branca de Neve, Cinderela e a A bela e a fera. Nenhuma dessas princesas tinha amigas, a maioria não tem mãe, e suas relações entre mulheres geralmente são conflituosas. O conto da Cinderela é um dos que mostra melhor a questão da rivalidade feminina: mulheres competindo pela atenção de um príncipe, uma madrasta que faz as vezes de bruxa má e sem motivo algum detesta a enteada, enquanto o ápice da história é ser escolhida para casar com o príncipe dentre todas as mulheres do reino. Havia uma prerrogativa clara de colocar as mulheres num campo de disputa, nunca de amizade e solidariedade. Até mesmo hoje em contos de fada pela versão do Estúdio Disney é difícil encontrar uma princesa que tenha amigas e saia com elas em busca de aventuras, o oposto, príncipes e seus fiéis escudeiros, já estão consagrados pela nossa cultura.<sup>viii</sup>

É perigoso para a manutenção do patriarcado que mulheres se apoiem e principalmente que se entendam como vítimas das mesmas opressões. Por isso as representações de rivalidade feminina são presentes e naturalizadas para criar desconfiança e crença de que amizades entre mulheres não são verdadeiras. Quem nunca ouviu que determinada mulher é falsa, invejosa ou traiçoeira?

Nos relacionamentos afetivos heterossexuais, os homens costumam estar em posição de privilégio em uma cultura em que há uma aceitação do homem como alguém com “mais pujança sexual”, havendo uma espécie de consentimento à traição e não-monogamia quando tais atitudes partem deles. A mulher, historicamente colocada em posição de subserviência no casamento e preocupações maternas é nos relacionamentos afetivos a parte mais debilitada, a que encontra dificuldades de estar de fato ao lado de alguém que envolva-se em um compromisso, a mais comumente traída. Por outro lado, a sociedade tem dificuldade em aceitar a mulher que não se submete aos padrões machistas, hegemônicos, a mulher que não busca a maternidade e a união estável, a mulher que prefere se relacionar com diferentes parceiros.

É comum a mulher heterossexual ouvir de um parceiro que tenta conquista-la “você é diferente.” Como se por ser diferente das outras ela fosse melhor, mais apta a estar ao lado dele, como se fosse ele o prêmio para a mulher com o comportamento que ele julga mais agradável. Essa ideia de que a “mulher boa” é diferente das outras vem sendo cada vez mais descreditada com o crescimento do feminismo.

você me diz  
que não sou como as outras  
e aprende a me beijar de olhos fechados  
tem alguma coisa na frase – alguma coisa

em precisar ser diferente das mulheres  
que chamo de irmãs para ser amada  
que me faz querer cuspir sua língua de volta  
como se eu fosse sentir orgulho por ter sido escolhida  
como se eu ficasse aliviada porque você pensa  
que sou melhor do que elas.<sup>ix</sup>

Além de sujeitas à comparações por parte dos homens heterossexuais somos socialmente comparadas umas às outras no que tange a aparência física, capacidades intelectuais, comportamento, aptidões no trabalho etc. E porque somos comparadas crescemos aprendendo a lidar com a comparação e assim nos submetemos a observar os corpos, as habilidades e o comportamento de outras mulheres sob um viés moralista. Como se os corpos e as escolhas femininas precisassem estar moldados a modelos estabelecidos. A manutenção da cultura machista é muito bem engendrada e favorece as estruturas capitalistas à medida que posiciona um grupo em posição desigual.

Entender-se como irmã das outras mulheres e tratar outras mulheres como irmãs é um grito contra o machismo. É demonstrar que estamos analisando e divergindo dessas estruturas, que aceitamos e valorizamos qualquer corpo e quaisquer escolhas femininas.

Companheira me ajuda,  
que eu não posso andar só,  
eu sozinha ando bem,  
mas com você ando melhor.

Esses são versos de uma ciranda frequentemente entoada em atos feministas por todo o Brasil e demonstram bem que o crescimento feminista entende que estamos juntas. Tratam-se de trocas múltiplas

cheias de doações e recebimentos: eu não estou sozinha e eu não abandono uma irmã.

Além de precisarmos da proteção umas das outras porque nossos corpos femininos correm riscos, como atestam as estatísticas de feminicídios e violência no Brasil. Uma pesquisa do datafolha, encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, realizada em 2017, em 130 municípios de todas as regiões do Brasil, atesta o quanto essas estatísticas são alarmantes<sup>x</sup>. Precisamos umas das outras porque somos forçadamente caladas. Somos marginalizadas no mercado de trabalho, na produção científica, nas decisões políticas, na produção artística. Viemos tentando através da participação, revolucionar essa realidade e o protagonismo feminino tem crescido nas mais diversas áreas, porém trata-se de séculos de hegemonia patriarcal e as mudanças são graduais. Por isso, a noção de estarmos juntas precisa estar presente também na valorização do que a mulher produz e na criação de espaços exclusivamente femininos. É importante pensar que os homens são os protagonistas há séculos, através de um sistema de desigualdade que os privilegia porque as sociedades capitalistas desiguais necessitam que alguns grupos estejam em posição de superioridade em detrimento de outros. Pensar em espaços exclusivamente femininos e em políticas pensadas exclusivamente para mulheres nada mais é do que a tentativa de reparar desigualdades históricas em meio à luta por mais equidade entre gêneros. É pensar em vozes que os discursos hegemônicos se esforçam para abafar há muito tempo. Não é incomum, quando falamos em exclusividade para mulheres, ouvirmos argumentos de que isso não é busca por igualdade, trata-se de argumentos rasos que não consideram a realidade e os contextos sociais.

É fundamental pensar também que precisamos falar por nós. A história mostra que as posições de fala, poder e decisões no Brasil sempre estiveram restritas a homens brancos. Os homens brancos falam e decidem por grupos sociais e identitários diferentes aos dele, nos quais estão inseridos de modo geralmente opressor e hegemônico. Exercer qualquer tipo de poder implica tomada de decisões, quando a opção de fala ou escolha do principal interessado é roubada, o que resta é dominação.

Pensando na importância da união entre mulheres e da vazão às vozes femininas o Cabaré das Rachas<sup>xi</sup>, grupo de palhaçaria do Distrito Federal, idealizou um processo em que mulheres artistas cênicas das mais diversas linguagens, são convocadas para uma vivência de cinco dias junto às palhaças do Cabaré das Rachas, confluindo na criação de um cabaré de variedades com dramaturgia coletiva e feminista, contando com números autorais das artistas convidadas, números autorais das artistas do Cabaré das Rachas e números coletivos criados ao longo da vivência. Trata-se de uma ação multiplicadora de saberes em circo, teatro, dança e poesia que parte do encontro e das partilhas profusas entre mulheres e suas criações.

Em circulação pelo Palco Giratório, projeto do Sesc de circulação e difusão de arte, o Cabaré das Rachas em 2019 esteve em diversas cidades brasileiras promovendo esta vivência com *"mulheres cisgênero e transgênero, palhaças, circenses, das culturas de rua e das culturas populares de cada região, reunidas para um encontro de escuta, fala, reflexão, empoderamento e multiplicação de saberes."*<sup>xii</sup>

Em cada cidade contemplada na circulação o Cabaré das Rachas convocava previamente palhaças, atrizes, artistas circenses ou mulheres de outras linguagens cênicas que tivessem um número pronto ou em andamento para inscrever tal número e compor um espetáculo

apresentado como conclusão da vivência que o grupo formado naquela cidade faria em conjunto ao longo de cinco dias. Ao participar dessa vivência no Distrito Federal, em julho de 2019, pude experimentar a força da união feminina. O trabalho em grupo e as trocas são muito valorizados nesse processo que tem início com exercícios cênicos coletivos que valorizam a multiplicidade e o entendimento de que o conjunto é gerador da ação. Esses exercícios exigem uma imersão corporal e emocional que torna difícil descreve-los, tratando-se de algo que só é possível sentir na prática. Os primeiros exercícios pressupunham forte coletividade, através da atenção às outras e de muita entrega íamos compondo coreografias improvisadas ou cenas. Os exercícios eram, na maioria dos casos, seguidos por rodas de diálogos que partiam das experiências. Percebi que muito rapidamente aquele grupo de mulheres feministas<sup>xiii</sup> estabeleceu uma conexão profunda e com muito entusiasmo para a criação de um cabaré que daria vazão às nossas tão importantes demandas anti-patriarcais, com a utilização do humor e das diversas habilidades artísticas presentes naquele grupo. Em um determinado ponto da vivência é chegado o momento de assistir aos números e produções já existentes de autoria de cada uma das artistas. Assim pudemos dialogar e pensar as melhores maneiras de incorporar esses números ao cabaré. A apresentação do texto “Se os tubarões fossem homens” de Bertold Brecht, que tenho costume de fazer em apresentações performáticas em diferentes espaços literários brasilienses (edições mensais da Feira Literária da Torre de TV, Feira do Livro de Brasília, saraus do Celeiro Literário Brasiliense) no Cabaré das Rachas foi enriquecida com a participação de outras mulheres que trouxeram mais imagens e interações mímicas que acrescentaram humor a um texto cheio de críticas agudas.

O cabaré é resultado de um processo em que há muito diálogo e experimentações que podem modificar as ações em prol da execução de um trabalho denso e divertido. A diversão é constantemente presente e isso fica claro na apresentação em que artistas e público cantam, dançam e interagem.

Além da diversão, outra característica marcante do Femi-clown cabaré show é a potência da união feminina.

### **3. Masculinidade tóxica e divergências ao machismo**

Percebo nessa e em outras experiências de união de mulheres que a vazão emocional e as entregas acontecem com furor. Acredito na importância individual e coletiva de sentir e valorizar as sensibilidades, embora nossas rotinas estejam constantemente podando as vazões emotivas. A sensibilidade e as demonstrações de emoções são socialmente reprimidas em uma espécie de consenso de que a profundidade de sentimentos torna o indivíduo mais frágil e conseqüentemente menos apto a lidar com as demandas da vida em sociedades em que a economia é o fator mais fundamental em meio a qualquer aspecto do cotidiano. Assim, criou-se o senso comum da mulher como o “sexo frágil”, supostamente vulnerável e indefesa demais para protagonizar situações. Neste sentido o patriarcado é também negativo para os homens, que são criados atulhados de cobranças para afirmar suas masculinidades, o que implica demonstrar força, resistência e solidez enquanto reprime os próprios sentimentos.

Apesar das claras posições de privilégios dos homens brancos, o patriarcado não é bom para nenhum gênero. As demandas e exigências

comportamentais para adequar-se a determinada vida social existem, em diferentes diligências, para mulheres e para homens.

O termo “masculinidade tóxica” reflete acerca de comportamentos masculinos nocivos. No período atual em que determinadas posturas que favorecem as desigualdades estão sendo revistas por diversas frentes de conhecimento, a maneira de educar meninos merece atenção cuidadosa na tentativa de deixar de reproduzir comportamentos que fazem mal a pessoas e sociedades. Ao pensar em masculino e feminino nas sociedades, naturalizamos os papéis de acordo com nossas criações e experiências. A masculinidade que se torna tóxica é uma construção, há um papel não natural de agressividade e competitividade que cria homens violentos e egoístas. Pensando nisso, enxergo como fundamental e passo inicial para alcançar avanços que os meninos sejam livres para sentir, chorar, tocar outros meninos e homens, brincar com meninas, expressar emoções das mais diversas formas invés de viverem submetidos a cobranças para atestar o quanto são machos.

Enquanto não temos a consolidação de meninos criados de maneiras melhores para sociedades melhores é preciso lidar com essa masculinidade defasada. O que exige de mulheres luta, imposição, sororidade, organização entre nós e gritos altos, que sejam ouvidos.

Culturalmente, homens passam suas vidas aprendendo que homens e coisas do “universo masculino” são mais interessantes e instigantes. Enquanto brinquedos incentivam meninos a ser pilotos de carros, motos e helicópteros; astronautas; grandes aventureiros; esportistas e cientistas; os brinquedos para meninas incentivam restritamente a cozinhar; cuidar de



bebês e fazer serviços domésticos<sup>xiv</sup>. Aprendizados esses que são vedados aos meninos, como se de alguma forma, corrompessem a masculinidade que eles são pressionados a ostentar. Ao longo da vida, o imaginário que as mulheres pertencem a um universo que não inclui as aventuras, as habilidades esportivas e conhecimentos diversos, persiste, o que torna as relações dos homens heterossexuais homoafetivas, porque embora eles se relacionem sexualmente com mulheres, o respeito e credibilidade são destinados a outros homens.

Dizer que um homem é heterossexual implica somente que ele mantém relações sexuais exclusivamente com o sexo oposto, ou seja, mulheres. Tudo ou quase tudo que é próprio do amor, a maioria dos homens héteros reservam exclusivamente para outros homens. As pessoas que eles admiram; respeitam; adoram e veneram; honram; quem eles imitam; idolatram e com quem criam vínculos mais profundos; a quem estão dispostos a ensinar e com quem estão dispostos a aprender; aqueles cujo respeito, admiração, reconhecimento, honra, reverência e amor eles desejam; estes são, em sua maioria esmagadora, outros homens. Em suas relações com mulheres o que é visto como respeito é gentileza, generosidade ou paternalismo; o que é visto como honra é a colocação da mulher em uma redoma. Das mulheres eles querem devoção, servitude e sexo. A cultura heterossexual masculina é homoafetiva, ela cultiva o amor pelos homens.<sup>xv</sup>

O texto da filósofa estadunidense demonstra bem que em nossas culturas patriarcais os homens admiram, idolatram e veneram outros homens. Por outro lado a mulher é descreditada. Uma mulher obter destaque em qualquer ocasião demandará esforços e superações diversas, porque esse é um mundo onde eles são os mais fortes, os mais rápidos, os mais poderosos.

Em grupos não é incomum que exista disparidade de falas entre homens e mulheres, com eles falando mais e tendo suas afirmações mais

facilmente validadas. Paralelamente é muito comum que ao falar, em grupos ou não, a mulher seja interrompida por um homem ou que este fale ao mesmo tempo que ela. Além de vozes sonegadas, os conteúdos de nossas falas são mais dificilmente validados. É muito comum também que homens interrompam uma mulher sem qualquer necessidade para falar algo que ela acabou de dizer ou explicar algo que ela estava explicando, subestimando sua capacidade de compreensão. bell hooks relata sua experiência após um ano frequentando uma Universidade só para mulheres, ao transferir-se para uma Universidade mista, no início da década de 70:

Na Stanford, os homens comandavam em qualquer sala de aula. Mulheres conversavam menos, tomavam menos iniciativas e, frequentemente, quando falavam, era difícil ouvir o que estavam dizendo. Faltavam força e confiança na voz delas. E para piorar as coisas, professores homens nos diziam repetidas vezes que não éramos tão inteligentes quanto os homens, que não poderíamos ser “grandes” pensadoras, escritoras e por aí vai.<sup>xvi</sup>

Para as recorrentes interrupções e para as interrupções seguidas de explicações, existem respectivamente os termos *manterruption* e *mansplaining*, oriundos da língua inglesa. No Cabaré das Rachas estes termos são explicados em um número de humor das palhaças MC's Rogerins, interpretadas por Ana Flávia Garcia e Elisa Carneiro, idealizadora e assistente de direção do Femi-clown cabaré show. Diferentemente dos números das artistas convocadas em cada cidade por onde o Cabaré das Rachas passa em sua itinerância, este é um número fixo, presente em todos

os cabarés que aconteceram pelo Brasil através do festival Palco Giratório (2019)<sup>xvii</sup>.

Através do humor e do sarcasmo explícito o número demonstra o quanto essas práticas são desprezíveis e absurdas. Trata-se de uma maneira deliberada de explicar que as relações entre homens e mulheres são defasadas. Nós rimos de uma imoralidade que faz parte de nosso cotidiano e, este é um ponto importante dos cabarés, satirizar padrões que apesar de muito absurdos e obsoletos fazem parte de contextos e práticas sociais que naturalizamos. Eis um ponto importante de um humor socialmente engajado: denunciar e ridicularizar opressões.

## REFERÊNCIAS

As origens comunistas do 8 de março / Maria Lygia Quartim de Moraes. TV Boitempo, 2017. <https://www.youtube.com/watch?v=bL5ZiCA5qTk> – Acesso em 05/07/2020.

Datafolha – Instituto de Pesquisas. **Visível e Invisível: A vitimização de mulheres no Brasil**. <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2017/03/relatorio-pesquisa-vs4.pdf>, 2017. – Acesso em 05/07/2020

FRYE, Marilyn. **A cultura herossexual masculina é homoafetiva**. 15/05/2018 <http://artenocaos.com/educacao-sexual/a-cultura-heterossexual-masculina-e-homoafetiva-segundo-a-filosofa-marilyn-frye/> Acesso em 09/10/2019

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

\_\_\_\_\_. **O Feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

KAUR, Rupi. **Outros jeitos de usar a boca**. São Paulo: Planeta, 2017.

PEIXOTO, Ingrid. **como o patriarcado usa a cultura para socializar mulheres para se odiarem?** 15/09/2019 Disponível em: <https://medium.com/@ingrid.arq.urb/como-o-patriarcado-usa-a-cultura-para-socializar-mulheres-para-se-odiarem-534286fad6f3> -

## NOTAS

---

<sup>i</sup> Possui graduação em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Santa Catarina(2013). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Intervenção Urbana.

<sup>ii</sup> Sesc: Serviço Social do Comércio. [www.sesc.com.br](http://www.sesc.com.br)

<sup>iii</sup> bell hooks é o pseudônimo de Gloria Jean Watkins que inspirou-se no nome de sua bisavó materna Bell Blair Hooks. As iniciais em letras minúsculas representam uma escolha da autora justificada pelo interesse em dar mais enfoque no conteúdo desenvolvido em suas obras do que em sua pessoa

<sup>iv</sup> Socióloga, militante feminista e professora universitária nascida em São Paulo em 1943.

<sup>v</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=bL5ZiCA5qTk> – Acesso em 05/07/2020.

<sup>vi</sup> hooks, bell. O Feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. Pagina 29.

<sup>vii</sup> PEIXOTO, Ingrid. Como o patriarcado usa a cultura para socializar mulheres para se odiarem? 15/09/2019 Disponível em: <https://medium.com/@ingrid.arq.urb/como-o-patriarcado-usa-a-cultura-para-socializar-mulheres-para-se-odiarem-534286fad6f3> - Acesso em 18/09/2019.

<sup>viii</sup> Ibidem.

<sup>ix</sup> KAUR, Rupi. Outros jeitos de usar a boca. São Paulo: Planeta, 2017. Página 164.

<sup>x</sup> Visível e Invisível: A vitimização de mulheres no Brasil. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2017/03/relatorio-pesquisa-vs4.pdf> – Acesso em 05/07/2020

<sup>xi</sup> Grupo de palhaçaria criado no Distrito Federal que atua coletivamente desde 2008, formado pelas atrizes Ana Flávia Garcia, Elisa Carneiro e Ana Luíza Bellacosta.

---

[https://www.facebook.com/Cabar%C3%A9-Das-Rachas-449133092516653/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/Cabar%C3%A9-Das-Rachas-449133092516653/?ref=page_internal) – Acesso em 05/07/2020

<sup>xii</sup> Palavras da idealizadora do Femi-clown cabaré show Ana Flávia Garcia em entrevista publicada no catálogo do Palco Giratório 2019.

<sup>xiii</sup> O grupo formado na edição brasileira era todo composto por mulheres cisgênero, integrando palhaças, dançarinas de balé clássico e breakdance e atrizes (como meu caso) que não se atém diretamente à linguagem da palhaçaria.

<sup>xiv</sup> Importante lembrar que nessa direção há brinquedos e jogos além de atividades laborais aliados à determinações racistas. Além do fato de raramente haver a representatividade de uma diversidade racial e étnica. A norma é o homem branco e o heteropatriarcado como modelo.

<sup>xv</sup> FRYE, Marilyn. A cultura herossexual masculina é homoafetiva. 15/05/2018 <http://artenocaos.com/educacao-sexual/a-cultura-heterossexual-masculina-e-homoafetiva-segundo-a-filosofo-marilyn-frye/> Acesso em 09/10/2019.

<sup>xvi</sup> hooks, bell. O Feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. Pagina 28.

<sup>xvii</sup> <http://www.sesc.com.br/portal/site/palco giratorio>

Submissão: 13/06/2020

Aceite: 07/07/2020